



A PEDAGOGIA SOCIAL: EDUCAÇÃO PERMANENTE QUE ACOLHE SABERES E PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS.

Sandra Butschkau Lourenço¹

<http://orcid.org/0009-0002-4100-4705/>

RESUMO

O presente artigo traz reflexões da experiência vivenciada em espaço sociopedagógico, denominado Espaço Verde-Horta², em escola Municipal da cidade de Niterói, RJ. Discutimos principalmente a respeito de conceitos da pedagogia social, como Acolhimento, a Identidade e o Pertencimento, trata-se de acolher os sujeitos com suas memórias e contextos, e em suas relações sociais cotidianas atreladas a cultura, que possa vir a proporcionar comprometimento e responsabilidade dos sujeitos diante dos desafios da educação e da vida em sociedade. Perspectivas que convergem em busca de uma educação do futuro voltada para o século XXI que possa dar sentido à plena cidadania aos sujeitos, do nosso olhar. No entanto, acreditamos que uma educação cidadã requer um olhar especial para educação ambiental e para tal trazemos a concepção dialética da educação vista em Pierre Furter, com aprofundamento da experiência e amplitude global, bem como uma educação sobre o sentido de ser, e a incompletude dita por Freire, que desta maneira nos faça refletir de como estar no mundo E mais a dimensão do cuidado vista em Araújo, que é a de manter vivos os seres humanos no planeta, em conversa com Boff. A troca entre os atores da escola e a participação ativa neste espaço é a educação permanente de Furter. A fim de envolver a comunidade fizemos rodas de conversa, oficinas, aulas “in loco” , visitas de acadêmicos e material cinematográfico, como

¹ Administradora- Pedagoga, Pesquisadora Grupo PIPAS-UFF, <http://orcid.org/0009-0002-4100-4705/> email: butschkausandra@gmail.com

² Projeto Plante o Verde – Coletivo de Educadores da Escola Municipal Alberto Francisco Torres, Niterói, RJ.



animações e vídeos sobre sustentabilidade. Acreditamos que a pesquisa participante e a sociologia compreensiva possam nos aproximar do sentido da vida e ainda a vitalidade comunitária vista no Índice FIB, bem como a matriz de necessidades de Max-Neef.

PALAVRAS CHAVES:

Cultura, Saberes, Educação Permanente; Cidadania, Educação ambiental.

RESUMEN

Este artículo trae reflexiones de la experiencia vivida en un espacio sociopedagógico, llamado Espaço Verde-Horta, en una escuela municipal de la ciudad de Niterói, RJ. Discutimos principalmente sobre conceptos de pedagogía social, como Recepción, Identidad y Pertenencia, se trata de acoger a los sujetos con sus memorias y contextos, en sus relaciones sociales cotidianas, vinculadas a la cultura, que aporta compromiso y responsabilidad de los sujetos frente a los retos de la educación y la vida en sociedad. Perspectivas que convergen en busca de una educación de futuro, centrada en el siglo XXI, que pueda dar sentido a la ciudadanía plena a los sujetos, desde nuestro punto de vista. Sin embargo, creemos que una educación para la ciudadanía requiere una mirada especial a la educación ambiental y para ello traemos la concepción dialéctica de la educación vista en Pierre Furter, con una profundización de la experiencia y amplitud global, así como una educación sobre el sentido del ser, y la incompletud dicha por Freire, que de esta manera nos hace reflexionar sobre cómo estar en el mundo y también la dimensión del cuidado, vista en Araujo, que es mantener vivos a los seres humanos en el planeta, en conversación con Boff. El intercambio entre los actores de la escuela y la participación activa en este espacio es la formación continua de Furter. Con el fin de involucrar a la comunidad, realizamos círculos de conversación, talleres, clases presenciales, Visitas de académicos y material cinematográfico como animaciones y videos sobre sostenibilidad. Creemos que la investigación participativa y la sociología integral pueden acercarnos al sentido de la vida y también a la vitalidad comunitaria que se ve en el Índice GNH, y así como la matriz de necesidades de Max-Neef.



PALAVRAS CLAVE:

cultura, conhecimento, educação continua; cidadania, educação ambiental.

1.Referencial Teórico:

Ao me aprofundar na vida acadêmica me deparei com a Pedagogia Social, que invadiu mente e coração. Logo de início um texto de Leo Buscaglia “não precisamos ter medo de tocar, de sentir, e de encontrar emoções [...] A coisa mais fácil do mundo é ser como você é, como você sente” (BUSCAGLIA, 2013, pg. 34). Encontro este, que me fez reviver a experiência nos quintais da minha infância, onde podíamos plantar e colher em um terreno vago ao lado da minha casa. Assim ao ver as escolas da cidade, a falta deste verde era uma preocupação inquietante, a degradação do entorno, eu me perguntava, em qual momento este assunto seria abordado com a devida importância, no entanto a percepção era que o assunto meio ambiente não era abordado de maneira necessária, além do distanciamento dos sujeitos da natureza. Porém salientamos a relevância do conhecimento construído de maneira histórica, social e coletiva, através da ação dos homens junto à natureza, visto em diferentes leituras (ARAÚJO, 2015:48), sendo portanto um eterno devir, bem como a noção de comunidade de destino” dita por (MORIN apud ARAÚJO, 2015:8) e ainda destacamos (BOFF, apud ARAÚJO, 2015) no qual fala da “importância da humanidade em ir além da noção biológica, a caminho da sua inclusão indissociável na biosfera”.

Então, algo deveria ser feito, porém a escola tinha pouco espaço de terra, fomos incentivados a criar um Espaço Verde-Horta. De início em 2015 foi para sensibilizar a comunidade, fizemos muitas reuniões com professores, funcionários e possíveis financiadores. Para suscitar reflexões apresentamos aos educandos vídeos relacionados à educação ambiental, animações e palestras a respeito de valores imbuídos no tema.

No entanto em 2019 identificamos que os preceitos da Pedagogia Social estavam diretamente ligados ao projeto, como: o Acolhimento, a Identidade e o Pertencimento que convergem em busca de uma educação do futuro para o século XXI, e poderia abarcar a pluralidade de culturas presentes



coxnvergem . Desta maneira proporcionar estes preceitos da pedagogia social, na construção de uma sociedade sustentável, “portanto de uma escola que faça sentido, com vivências e experiências. E ainda a respeito do diálogo dito por (FREIRE, 2013) "diálogo não pode consistir em palavras vazias; pelo contrário, numa sociedade democrática e participativa, dito por Furter no livro Educação como Prático de Liberdade, destacamos na Apresentação – O Poder da Palavra, que estas tornam-se geradoras, isto é, instrumentos de uma transformação global do homem e da sociedade". (FREIRE, 1967).

Quando Freire nos fala sobre aprender a dizer a palavra, vai além do fonema pois proporciona um diálogo existencial, que feito em colaboração leva ao diálogo autêntico, em direção ao reconhecimento de si e do outro (FREIRE, 2013: 28-29).

Portanto, esta educação com vistas a reafirmar saberes tradicionais, e advindos da comunidade escolar traz um diálogo e uma identidade, e seguimos parafraseando Furter, da importância dos espaços de educação permanente, de um diálogo prático entre a realidade histórica e uma possível utopia e possibilidade de transformação das condições de vida, de desenvolvimento comunitário e identitário". Desta maneira, em vista do cenário ambiental atual “se são os homens produtores da realidade oprimidos que estão por injustiças climáticas”. “Cabe a eles, homens transformá-las” (FREIRE, 2013: 51) e, qual seu papel nas urgentes questões ambientais.

Acreditamos que esta visão de (FURTER, 1970: 5) conversa com a educação ambiental nos dias atuais, pois, é “uma educação para nosso tempo”, e ele vai mais além, de que esta se processa por uma série ininterrupta de mudanças profundas, que obrigam o homem a se educar continuamente.”. E mais: "A Educação Permanente é uma concepção dialética da educação, como um duplo processo de aprofundamento, tanto da experiência pessoal quanto da vida social global, que se traduz pela participação efetiva, ativa e responsável de cada sujeito envolvido, de qualquer que seja a etapa da existência em que esteja vivendo”. (FURTER, 1970:136-137)

E como seres inconclusos em busca do Ser Mais. (FREIRE, 2013:46) despertar o interesse destes sujeitos que tem nos saberes ancestrais, uma diversidade de conhecimentos enriquecendo o



aprendizado na vida cotidiana destes sujeitos. No entanto, para que uma mudança nos sujeitos possa vir a ser significativa devemos como dito por Furter no Relatório a Educação Permanente e Desenvolvimento Cultural, elaborado por ele e Aníbal Bruiton resultante de seminário realizado na Venezuela em 1968, no qual: “uma política cultural que considera o conjunto das populações como agentes, autores e criadores responsáveis do desenvolvimento” (FURTER, 1974: 152-153). Ao enfatizar a educação permanente, esta deve contemplar um olhar para o outro, principalmente no que tange sobre a cultura e a pluralidade de modos de vida, educação esta, que vai além dos muros da escola, e ao trazer modos de ser ancestrais e familiares para um aprendizado integrado dos sujeitos e sua cultura, e despertar a curiosidade de educandos quanto educadores. E assim, esta educação continuada pode aproximar ser humana-natureza a fim de refletir sobre as relações ambientais de maneira a levar em conta saberes tradicionais, em convergência com a escuta da pedagogia social dos sujeitos envolvidos e seus modos e ser, proporciona encontros de relações sustentáveis, e de identifica possíveis caminhos para lidar com a emergência climática e vulnerabilidades ambientais no atual contexto planetário.

Nesse sentido, destaco em (THOMPSON, 1981: 189) de que “as pessoas não experimentam a própria experiência apenas como ideia [...] a experimentam também como pensamento e lidam com ela por meio da cultura”. No entanto vimos que muitos estão relegados a sub-culturas “que apesar de generosa a cultura tecida pelos dominantes é fechada, e como educador com a vocação humanista, da pedagogia social buscamos novas técnicas pedagógicas, por meio do processo histórico e de criação e recriação baseadas nestas subculturas”, aqui destacamos culturas tradicionais, podem o superar a desumanização e a massificação cultural “pois não está dado o destino de Ser Menos”, e desta maneira com o conhecimento de si, libertar-se da cultura dominante (FREIRE, 2013:41;44).

Por isso é relevante enfatizar, uma “outra” epistemologia na construção de “outros” saberes, pois no mundo temos uma visão monocultural do mundo, e a luta por justiça ambiental global é uma luta por justiça cognitiva, ou seja de aprendizados sobre os saberes do sul global (SANTOS, 2013).



Trazemos a baila o conceito de "Educogenia" (palavra portuguesa que identifica o potencial educativo do meio ambiente) no qual enfatiza o uso dos "recursos educativos e as potencialidades da comunidade para poder combinar os recursos escolares com os recursos interpessoais e os de natureza cultural e comunitária", e

ainda a singularidade do saber e sua importância na comunidade em que está inserido. Portanto propiciar discussões e práticas sobre as relações sócio ambientais podem nos trazer relações sociopedagógicas, tanto no sentido epistemológico dos conceitos culturais não hegemônicos, quanto no domínio sociopolítico à promover participação e construção de projetos que possam superar ou mitigar situações de vulnerabilidade climática. E ainda fomentar a cidadania planetária e o comprometimento dos demais sujeitos pois segundo (BAKHTIN, 2015) “cada sujeito ocupa um lugar [...] insubstituível no mundo e, por isso, na perspectiva dele, o sujeito deve ser responsável por seus atos e ter obrigação ética com relação ao outro”.

2. Metodologia

Destacamos que a pesquisa acontece inicialmente da observação participante porque aproxima o pesquisador da realidade, e estabelece interação com os atores da pesquisa. Porém ao desenvolver as interações buscamos a sociologia compreensiva, tendo como objetivo refletir sobre um sentido da vida social, a fim de compreender relações sociais, valores, atitudes, crenças e hábitos em relação a nossa estratégia, a de saber da cultura dos envolvidos na pesquisa (MINAYO, 2009: 24). E dessa maneira envolver a comunidade escolar em oficinas, rodas de conversa, passeios e materiais cinematográficos relacionados ao meio ambiente.

No entanto para ir de encontro às expectativas do cenário pesquisado, nos pautamos e certos parâmetros de abordagem vistas na matriz de necessidades de (MAX-NEEF, 2011) na qual busca uma abordagem do que se apresenta o bem estar comunitário, é um modo de se aproximar das relações humanas no ambiente, vistos assim: Em relação a SER a percepção de pertencimento, entusiasmo e imaginação; em relação a TER e FAZER costumes, símbolos, valores e memória coletiva; a fim de



observar melhor e ter percepções que tragam maior comprometimento com a comunidade. Esta abordagem também conversa com o Índice FIB (Felicidade Interna Bruta) conceito preconizado por Amartya Sen, e desenvolvido no país do Butão, o qual tem como finalidade a vitalidade comunitária, a coletividade, a cultura e a compaixão, conceitos estes que facilitam o encontro de saberes, a sustentabilidade e o cuidado.

3. Objetivos

Além dos preceitos acima mencionados buscamos suscitar memórias e saberes, de conhecimentos advindos da experiência dos sujeitos entre gerações, bem como aproximar sujeitos e natureza. E ainda discutir e refletir sobre práticas de consumo, bem estar e qualidade de vida e propiciar discussões críticas de forma local e global a respeito das ODS (Objetivos do Desenvolvimento Sustentável) ao abarcar conhecimentos de vivências e saberes locais. Nesta ótica refletir e discutir a agenda 2030, objetivos do desenvolvimento sustentável, no que tange a dois indicadores que mais conversam com nosso tema: O Indicador 4 - assegurar a educação inclusiva, neste quesito a inclusão dos diversos atores sociais da comunidade escolar em busca de uma educação de qualidade; e oportunidade de aprendizado ao longo da vida, pois ao proporcionar troca de saberes traz interação entre gerações e incentiva saberes de pessoas da comunidade; Indicador 12 - Objetivo 12 - Consumo e Produção Responsáveis, a fim de assegurar um olhar crítico aos padrões de produção e refletir sobre consumo responsável principalmente no que tange ao questionamento: Do Que produzimos, Para Quem produzimos, e Como produzimos. No sub-objetivo- 12.8, até 2030 “garantir que as pessoas em todos os lugares, tenham informações relevantes e a conscientização para o desenvolvimento sustentável e dos diversos estilos de vida em harmonia com a natureza”, e no sub-objetivo 12.8.1:

“ Grau em que a (i) a educação para a cidadania global e (ii) a educação para o desenvolvimento sustentável são integradas nas (a) políticas nacionais de educação; (b) currículos escolares; (c) formação de professores; e (d) avaliação de estudantes e assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis” (BRASIL, 2024).



Estas abordagens devem ser esmiuçadas e inseridas de forma a atender as demandas locais da comunidade, e para facilitar este encontro fazer uso da matriz das necessidades.

4. Considerações parciais da prática sociopedagógica

Nossa prática na comunidade escolar e no Espaço Verde foi de início uma questão ligada ao currículo principalmente em relação ao estudo do solo, animais do subsolo, tipos de plantas e práticas de plantar, bem como a experimentação de verduras ou raízes retiradas da horta. Conjuntamente a estas práticas vários encontros foram realizados para incentivar valores relacionados à educação ambiental, e discussões sobre história da agricultura no Brasil.

Porém buscamos uma atuação mais consciente a respeito de práticas sustentáveis, e ao relacionar com a pedagogia social anunciar outras demandas, e formas de abordar o assunto no Espaço Verde desta forma ter mais interação com a comunidade a respeito de saberes, a fim de trazer sentido à educação realizada no espaço. Então convidamos pais, responsáveis e funcionários, que já atuam intensamente no espaço para compartilhar conhecimento, principalmente em conversas e encontros feitos na sala de aula e também “in loco” no Espaço Verde-Horta. Destacamos o acolhimento e o cuidado com que a comunidade acadêmica tratou o espaço realizando a limpeza, plantação de mudas e cada vez mais experimentando o lidar com a terra, seus cheiros e sabores. Em nossas interações a voz de educandos e educadores foi uma reflexão crítica a respeito de qual nosso papel na relação com meio ambiente, e a necessidade do espaço verde no ambiente escolar. Aos poucos diversas turmas realizaram trabalho de artes, aproveitando os resíduos “lixo” do local. Dentre as questões abordadas o conceito de educação permanente e a educogenia na fala de Furter trouxeram aspectos essenciais sobre o desafio sustentável a ser enfrentado, principalmente da localização da sua comunidade: problemas de limpeza, falta de verde, infraestrutura da comunidade. E ainda em referência a ODS.11: que trata de cidades e comunidades sustentáveis no entendimento de que a educação ambiental é contínua, e ao dar voz a saberes da cultura local e regional possamos de maneira sustentável dar novas possibilidades ao enfrentamento dos desafios.



Conversamos com educogenia por enfatizar as relações interpessoais, e potencializar possibilidades do uso de saberes “outros”, de natureza comunitária. A partir destes pressupostos tivemos encontros de pequenos grupos das turmas, pais e avós; e ainda visitas de grupos externos como alunos do curso de Medicina da UFF (1º semestre/2023 e 2º semestre/2023), estes inicialmente com olhar do cuidado, viram novas perspectivas no modo de lidar com a natureza, em uma de nossas conversas percebemos o quanto de pomar, jardins, perfumes, e diversos chás fazem parte das lembranças destes educandos, hoje universitários, neste ponto vimos a importância da integração escola-universidade. Acreditamos que nestes encontros além de uma educação permanente na troca de saberes, pudemos ter tanto relações intergeracionais, quanto de saberes tradicionais, com a participação de familiares e também membros do turno da noite, modalidade EJA, estes serão objeto de nossas próximas intervenções. Acreditamos ter obtido sucesso em instigar a participação e a construção de projetos para discutir e refletir sobre a emergência climática e fomentar a conscientização do papel dos sujeitos e a cidadania planetária.

Temos para os próximos meses a instalação do Teto Verde, em uma das casas da comunidade, por um de nossos parceiros da RFS (Rede de Favela Sustentável) a fim de mitigar o calor. Trata-se de plantar na laje de um local, plantas que suportam calor, com apropriadas instalações para diminuir a temperatura.

Ressaltamos ainda que foram múltiplas discussões sobre cultura, valores e de como quais modos de produção de organização. Por isso, queremos seguir em problematizar questões que tangenciam a pedagogia social: Para quem produzimos? Por que produzimos? Como produzimos?

Ao anunciar com estas perguntas, pensamos em uma educação permanente? Pois ao refletir sobre as questões acima, proporciona a busca de soluções acerca de seu ambiente, construindo-o coletivamente através do tempo. Este é o caminho a percorrer o “Ser de existir o que significa vida, e assim agir, e enunciar novas maneiras de Estar no Mundo. Podemos destacar ainda em Boff (1999), o fato de a educação ambiental começar na escola é um passo muito importante nesse processo de transformação



e resgate de valores como os do cuidado, e do zelo com o meio ambiente em seu sentido mais amplo possível.

No entanto, como todo trabalho temos nossas interferências nos proporcionando ainda mais reflexões a respeito da interação meio ambiente, uma delas a falta de recurso para insumos, a interferência de atores da escola em nossos canteiros, de forma a alterar plantio, solo e causando degradação deste. Práticas nos sentido de impedir que alguns membros da comunidade se aproximem do local, especificando horários fixos. Porém nosso entendimento foi o de usar tais abordagens para discutir sobre modo de vida, que leve em conta a agricultura familiar; tipos de intervenções humanas na terra e também discussões para enfatizar que a escola é da comunidade.

5. Referências

- ARAÚJO, M. Martins. (2015). Pedagogia Social Diálogos com Crianças Trabalhadoras, (Vol. 8, 1) Editora: Expressão e Arte Coleção Pedagogia Social, São Paulo.
- BAKHTIN, M. (2015) Dialogismo e construção do sentido. (Org. Beth Brait, 2º edição), Editora Unicamp.
- BUSCAGLIA, L. (2009) O Amor – Vivendo, Amando e Aprendendo, Editora Nova Era.
- BOFF, L. (2014) Saber Cuidar: ética do humano - compaixão pela Terra. 20ª edição, Editora Vozes, Petrópolis.
- FAVERO, O. (2010) Educação Permanente segundo Pierre Furter, novembro, Rio de Janeiro.
- FREIRE, P. (1967) Educação como prática de Liberdade, Paz e Terra, Rio de Janeiro.
- P. (2013) Pedagogia do Oprimido, Paz e Terra, Rio de Janeiro.



- FURTER, Pierre. (1992) Educação e vida. Editoras Vozes, Petrópolis
-, P. (1974) Educação Permanente e Desenvolvimento Cultural, Editora Vozes, Petrópolis.E
- LEFF, Enrique. (1996) As universidades e a formação ambiental. (Rev. Ciênc. Hum, v. 14. n. 20) periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/23490
- Enrique. (2014) Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Editora Vozes, Petrópolis.E
- MAX-NEEF, M. A. Desarrollo a Escala Humana: conceptos, aplicaciones y algunas reflexiones (V Seminário Internacional de Desenvolvimento Regional, Cepal – 60 anos de Desenvolvimento na América Latina Santa Cruz do Sul, RS, Brasil, 17 a 19 de agosto de 2011) acesso em: 17/02/2024.
- MINAYO, M.C. (2009) O desafio do.conhecimento pesquisa qualitativa em saúde, 7º edição, Editora Hucitec, São Paulo.
- MORIN, Edgar. (2008) Introdução ao Pensamento Complexo. 5º edição (Instituto Piaget) Lisboa.
-, E. (2000) Os sete saberes necessários à educação do futuro. Editora Cortez São Paulo.
- NAÇÕES UNIDAS BRASIL, ODS- Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>



Revista de Pedagogia Social



- SANTOS, Boaventura de S. (2013) Maria Paula Menezes (Orgs.) Epistemologias do Sul. Editora Cortez. São Paulo.
- SANTOS, M. A. & GUIMARÃES, J. F. S. (2014) Diálogo entre teoria e evidencia: Como fazer um trabalho Histórico (ANAI ANPUH.ORG) <http://encontro2014.anpuh.org.B>
- THOMPSON, Edward P. (1981) A miséria da teoria ou um planetário de erros. Editora Zahar , Rio de Janeiro.